

## Colóquio "Caminhos da língua portuguesa: África-Brasil"

6 a 9 de novembro de 2006 - Campinas/SP



[Apresentação](#) | [Programa](#) | [Programação cultural](#) | [Organização](#) | [Chamada de trabalhos](#) | [Inscrição](#) | [Outras informações](#) | [Contato](#)

### Apresentação

Antes mesmo do contato com as Américas, rios e mares do continente africano foram percorridos por portugueses.

Ao longo dos séculos, os contatos entre europeus e africanos proporcionaram o surgimento de novas modalidades de vínculos sociais e novas línguas híbridas de contato. Como língua europeia moderna com o histórico de contato mais antigo da África, o português apresenta vários exemplos de dinamismo lingüístico e social. Como mostra o trabalho pioneiro e inusitado de Catarina Madeiro e Ana Paula Tavares, os africanos, que viviam no que é hoje Angola, já há mais de quatrocentos anos criaram sua própria biblioteca em português. O português escrito desses arquivos nunca se confunde com a língua na sua modalidade europeia, apesar da duração histórica da documentação. Não se trata tampouco de um crioulo, mas de um português profundamente moldado por línguas africanas locais.

Outras partes da África produziram diferentes soluções a partir do contato. A região da Senegâmbia, por exemplo, apresenta línguas europeias com uma presença secular, línguas crioulas igualmente seculares, e línguas pensadas como autóctones que se modificam e se transformam no contato entre si, com os crioulos e com as diversas eurofonias. Já a complexa situação lingüística e social da antiga região portuguesa de Ziguinchor na Casamança senegalesa relativiza bastante a própria noção de língua materna ou de etnicidade de origem, pela existência de diferentes grupos e pessoas constantemente ultrapassando fronteiras étnicas e lingüísticas convencionais, sem nenhuma possibilidade de hegemonia clara ou duradoura.

Essas realidades fazem com que a apreensão da África requeira uma abordagem variada que ultrapasse a noção de uma lusofonia formada a partir da ação de uma potência colonizadora. Poderíamos aventar a imagem de uma lusofonia que, em realidade, é um locus permanente de barganha e negociações, conquistas e superações. Ademais, é uma lusofonia que não se constitui nunca como espaço fechado e hegemônico.

No Brasil, a chegada maciça de africanos escravizados, oriundos de diversas partes do continente, e falantes de diversas famílias de línguas, provocou uma interação de mão dupla entre línguas e culturas, cuja história ainda tem muito a ser explorado. No início do século 20, várias línguas africanas ainda eram faladas na Bahia e, segundo Yeda Castro, depois de séculos de contato, as línguas "negro-africanas" foram incorporadas ao português, processo potencializado pelo fato de haver

notáveis semelhanças estruturais entre as línguas do grupo banto e o português arcaico. Hoje, sobrevivem também sob a forma de línguas especiais, ou seja, como modos de falar próprios de uma faixa etária ou de um grupo de pessoas dedicadas a atividades específicas. Não se apresentam mais como línguas plenas, e revelam traços de seu longo e intenso contato com o português. O seu uso, além de estar associado a grupos específicos, está vinculado a duas funções principais: ritual (nos cultos religiosos ditos "afro-brasileiros") e demarcação social (como língua "secreta", utilizada em comunidades negras rurais constituídas por descendentes de antigos escravos, como Cafundó em Tabatinga).

Todas essas situações, complexas e variáveis, suscitam questões passíveis de serem encaradas sob diversos ângulos. Por isso, o colóquio tem como objetivo reunir trabalhos de pesquisadores africanos, brasileiros e portugueses oriundos dos campos da lingüística, da literatura, da história, da sociologia e da antropologia, para trazer novas luzes sobre essa interação cultural múltipla, com o intuito de diversificar os olhares e deslocar os pontos de vista. Visa também fortalecer as relações acadêmicas entre Brasil e África, expandindo os horizontes de compreensão e inteligibilidade mútuas.